

ESCOLHAS LEXICAIS: A CARACTERIZAÇÃO DE PERSONAGENS FEMININAS NO DISCURSO LITERÁRIO/ LEXICAL CHOICES: THE DESCRIPTION OF WOMEN IN LITERARY DISCOURSE

*Elis de Almeida Cardoso**

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo mostrar, por meio das escolhas lexicais feitas por um autor, qual o efeito estético atingido na caracterização de personagens femininas. Para isso, tomamos como exemplo trechos descritivos de importantes romances publicados no século XIX, levando em consideração a significação e o valor das palavras nocionais selecionadas, bem como a expressividade das redes semânticas, com a intenção de verificar de que forma as escolhas lexicais caracterizam personagens femininas, inserindo-as no contexto da obra e no seu universo. A partir das análises apresentadas, pretende-se mostrar que obras renomadas da literatura brasileira podem ser trabalhadas em sala de aula com enfoque linguístico.

Palavras-chave: Léxico; Expressividade; Estilo; Discurso Literário

Abstract: *This paper aims to show, through the lexical choices made by an author, which aesthetic effect was*

* Doutora da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo - SP, Brasil.

achieved in the description of women in the literary discourse. For this, we take as an example some descriptive passages of important novels published in the nineteenth century, taking into consideration the significance and value of the selected notional word and the expressiveness of semantic networks, with the intention of verifying how the lexical choices features the female characters by placing them in the context of the work and their universe. From the analysis presented, it is intended to show that the works of renowned Brazilian literature can be worked in the classroom with a linguistic approach.

Keywords: *Lexicon; Expressiveness; Style; Literary Discourse*

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo mostrar, por meio das escolhas lexicais feitas por um autor, qual o efeito estético atingido na caracterização de personagens femininas no discurso literário. Para isso, tomamos como exemplo trechos descritivos de importantes romances publicados no século XIX, *Senhora, Iracema, Dom Casmurro, O cortiço*, levando em consideração a significação e o valor das palavras nocionais selecionadas, bem como a expressividade das redes semânticas. A intenção é verificar de que forma as escolhas lexicais caracterizam personagens femininas, inserindo-as no contexto da obra e no seu universo. A partir das análises apresentadas, pretende-se mostrar que obras renomadas da literatura brasileira podem ser trabalhadas em sala de aula, também, com enfoque linguístico, principalmente no que diz respeito à caracterização das personagens.

O levantamento será feito levando-se em consideração os pressupostos teóricos da Estilística Léxica, que tem como objetivo analisar a escolha feita pelo enunciador, dentre os elementos linguísticos disponíveis, verificando-se de que maneira se consegue com ela efeitos estéticos e expressividade e, sobretudo, tentando-se chegar à intenção do enunciador por meio do estilo encontrado em seu texto. Cabe à Estilística Léxica verificar a expressividade obtida com a escolha das palavras, seja por sua flexão, por sua formação, por sua classificação, pelo seu

significado no contexto. Essa escolha, entretanto, tem algumas limitações que, segundo Cressot (1980), ocorrem não só por causa de fatores linguísticos, mas também de fatores psicológicos e sociais.

A escolha lexical

Por trás de todo ato de comunicação existe algo mais do que simplesmente transmitir uma mensagem. Mesmo que o texto seja puramente referencial, objetivo, ele carrega consigo um aspecto intencional, seja um desejo de impressionar o destinatário, seja um desejo de marcar uma posição.

Utilizando o material linguístico de que dispõe, o enunciador faz, então, uma escolha que varia de acordo com o tipo de texto, com o tipo de público, com a situação da enunciação. Essa escolha, entretanto, tem algumas limitações.

Os falantes de uma língua têm à sua disposição todo o conjunto lexical e dele podem extrair as palavras que desejam para expressar suas ideias, sentimentos, etc. Embora todas as palavras pertençam igualmente a esse enorme conjunto, as escolhas são limitadas pelas circunstâncias: o momento histórico, o lugar, a idade, o sexo, a profissão, o grau de instrução, o *status* socioeconômico e muitos outros fatores.

As palavras lexicais, lembra Martins (1997, p.77), “despertam em nossa mente uma representação, seja de seres, seja de ações, seja de qualidades de seres ou modos de ações”, pelo fato de terem significação extralinguística.

A tonalidade emotiva de um grande número de palavras se deve também a associações provocadas pela sua origem ou pela variedade linguística a que pertencem. As palavras de poder evocativo transmitem um significado, remetem a uma época, a um lugar, a um meio social ou cultural. São elas os estrangeirismos, os arcaísmos, os regionalismos, as expressões de gíria.

Para Lapa (1959, p.8), as palavras reais distinguem-se “pela sua força expressiva”, suscitando “a imagem das coisas a que se referem”. Essa imagem, entretanto, pode se diferenciar de indivíduo para indivíduo, uma vez que cada um pode apreender na palavra o aspecto pessoal que “particularmente lhe interessa”.

Pode-se dizer, então, que a situação de enunciação e, conseqüentemente, o gênero discursivo são determinantes para as escolhas linguísticas. Segundo Bakhtin,

aprendemos a moldar nossa fala pelas formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos logo, desde as primeiras palavras, descobrir seu gênero, adivinhar seu volume, a estrutura composicional usada, prever o final, em outras palavras, desde o início somos sensíveis ao todo discursivo (1984, p.285).

Dessa forma, lembra Maingueneau (2001, p. 65), “os gêneros de discurso não podem ser considerados como formas que se encontram à disposição do locutor a fim de que este molde seu enunciado nessas formas”. Os gêneros são atividades sociais e, para o autor, submetem-se a várias condições de êxito, tais como: uma finalidade, um lugar e um momento, um papel assumido pelo enunciador, o suporte textual (livro, jornal, rádio, etc.) e, sem dúvida, uma organização textual.

Além de ser delimitada pelo gênero, a escolha lexical, segundo Ullmann (1977), pode ser motivada de muitas maneiras. Para o autor a motivação pode residir: nos sons, na estrutura morfológica, no seu fundo semântico.

Em relação às escolhas lexicais no discurso literário, afirma Teles:

No momento em que o escritor opta por uma palavra ou frase, está praticando, ainda que inconscientemente, uma operação estilística, pois está se desviando da linguagem comum e, ao mesmo tempo, procurando imprimir nela a sua marca, a sua particular maneira de exprimi-la. E quando esta escolha é intencional e justificada não só pela obtenção do maior efeito como também por uma imposição do ato criador, o seu uso como traço caracterizador do estilo assume por certo um valor que ultrapassa a simples função comunicativa, para transformar-se num agente ampliador do conteúdo poético. A função linguística se transforma em função retórica, vale dizer, em função poética (1976, p.91).

A semântica lexical e os campos léxicos-semânticos

Segundo Vilela (1994), o léxico de qualquer língua apresenta estruturas lexicais e determinadas relações que lhe conferem sistematicidade (relações sintagmáticas e paradigmáticas). Dentre as várias teorias que abordam a semântica lexical, destaca-se a semântica cognitiva (Rosch, Putnam, Longacker), também chamada de semântica dos protótipos, ou dos estereótipos, da semelhança de famílias ou princípio de aproximação do protótipo. Essa teoria considera que o conhecimento lexical é conhecimento da língua e conhecimento cultural, acentuando-se, sobretudo, o caráter psicológico da abordagem linguística.

Para a semântica cognitiva, o processo de aprendizagem do léxico não é um simples processo de aquisição de regras de referência ou representação, mas também um processo de aculturação. A aprendizagem de uma nova palavra não é apenas a aprendizagem da relação entre esta palavra e um *designatum*, mas sim a aprendizagem da relação entre este item e um *designatum*, que é sempre um objeto de e para a cultura.

De acordo com Lopes e Rio-Torto (2007), quando alguém diz que uma palavra tem um significado está se referindo ao conteúdo informativo que essa palavra veicula. Esse é o significado lexical. Por meio do significado lexical, cada palavra distingue-se lexicalmente das demais e das que com ela estão mais diretamente relacionadas (mesmo campo semântico-referencial, mesma família de palavras).

Para descrever o significado lexical de uma palavra, os semanticistas recorrem a traços semânticos que traduzem as propriedades semânticas em que se pode decompor o seu significado global. Esses traços semânticos são apresentados como binários e deles são exemplo [+/- humano], [+/- objeto], [+/- estático], [+/- dinâmico], dentre outros.

Segundo as autoras,

as áreas lexicais, cujos conteúdos e contornos são muitas vezes variáveis, são determinadas ontológico-referencialmente, e paralelamente também pelas representações mentais que fazemos do modo como os objetos e os seres se encontram organizados (2007, p.34).

Alguns campos têm, então, uma geometria mais aberta do que outros. Por exemplo, em relação às cores, as novas tonalidades e as especializações, afirmam Lopes e Rio-Torto fazem surgir nuances como *rosa-choque*, *castanho-bronze*, *amarelo-mostarda*, *fúcsia-paixão*. Dizem ainda as autoras:

um campo léxico-semântico compreende lexemas da mesma classe sintática de palavras (substantivo, adjetivo, verbo), que têm significações comuns e que estão interrelacionadas entre si por nexos de significação perfeitamente determináveis. Um desses nexos mais prototípicos é o subordinante-subordinado, ou seja, as unidades encontram-se estruturadas em pirâmide ou em hierarquia que compreende vários níveis intermédios (2007, p.34).

Dentro de um campo léxico-semântico as relações entre as palavras não precisam ser de hierarquia que se verifica apenas entre hiperônimo e hipônimo. Os co-hipônimos estabelecem relações de similaridade entre si.

Em muitos campos léxico-semânticos há exemplares mais ou menos prototípicos, mais e menos representativos. O campo semântico é uma seção do vocabulário na qual determinada face da experiência humana está organizada por meio de um número de vocábulos, sendo que cada um contribui para a delimitação do outro. Portanto, cada esfera da experiência organizada do homem resulta em um campo. Cada um deles organiza as ideias e o pensamento de uma maneira. Com base no que afirma Ullmann,

um campo semântico não reflete apenas as ideias, os valores e as perspectivas da sociedade contemporânea; cristaliza-as e perpetua-as também; transmite às gerações vindouras uma análise já elaborada da experiência através da qual será visto o mundo (1977, p. 523).

Os campos léxico-semânticos, como uma possível sistematização do léxico, devem refletir traços do seu dinamismo, e, particularmente, os elementos do pensamento humano, marcas de diferentes culturas e maneiras de o homem pensar o mundo nele (léxico) impressas.

Os campos léxico semânticos e a caracterização de personagens femininas

Ao se tomar como foco de análise algumas personagens femininas dos romances brasileiros, percebe-se que sua caracterização é feita por meio de campos léxico-semânticos dos quais se extraem suas qualidades e/ou defeitos. A análise dará destaque a quatro personagens, Aurélia Camargo (*Senhora*, de José de Alencar), Iracema (*Iracema*, de José de Alencar), Zulmira (*O cortiço*, de Aluísio Azevedo) e D. Maria da Glória (*Dom Casmurro*, de Machado de Assis), com o objetivo de verificar de que forma as escolhas lexicais produzem um efeito de sentido e conseguem fazer com que o leitor visualize essas mulheres que estão inseridas em seu contexto e em sua época.

Aurélia Camargo

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela. Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões. Tornou-se deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade.

Era rica e formosa.

Duas opulências, que se realçavam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante.

Quem não se recorda de Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira seu fulgor? Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. (*Senhora*)

A personagem central do romance *Senhora*, de José de Alencar, é Aurélia, a moça pobre que recebe uma herança e passa a frequentar os salões da corte. Percebe-se, por meio de alguns itens lexicais que a personagem está inserida na sociedade fluminense, onde ocorrem as festas e onde circulam pessoas da alta roda social. Os substantivos *salões*, *bailes*, *sociedade*, *céu fluminense*, *firmamento da Corte* refletem essa nova realidade da personagem. Fazem parte desse contexto as *informações* e a *novidade*. Estão presentes nos bailes os *poetas* e os *noivos*.

Do nome da personagem Aurélia depreende-se o elemento latino *auru-*, cujo significado é *ouro*. O ouro é símbolo da riqueza, além, é claro, de ser um metal cuja beleza e brilho sempre foram almejados pelos mais antigos dos povos.

Aurélia, então, é símbolo da beleza, da riqueza e do brilho. Os itens lexicais substantivos *deusa*, *musa*, *ídolo*, *flor* e *deslumbramento*, além do adjetivo *formosa*, formam um campo léxico-semântico que tem por objetivo o realce da beleza da personagem. A riqueza pode ser percebida com os itens lexicais *rainha*, *cetro*, *rica*, *opulências* e *vaso de alabastro*. Aurélia brilha, e, dessa vez, o campo léxico semântico é formado pelos verbos *raiar* e *refletir*, pelo adjetivo *brilhante* que caracteriza *meteoro* e pelos substantivos *estrela*, *esplendor*, *raio de sol*, *prisma de diamante* e *fulgor*.

| | | |
|--|--------------------------|---------------------------|
| AURÉLIA: personagem inserida na sociedade | | |
| <i>céu fluminense, salões, bailes, poetas, noivos, firmamento da Corte, sociedade, informações, novidade</i> | | |
| AURÉLIA (AURU = ouro) | | |
| BELEZA | RIQUEZA | BRILHO |
| <i>deusa</i> | <i>rainha</i> | <i>raiou</i> |
| <i>musa</i> | <i>cetno</i> | <i>estrela</i> |
| <i>ídolo</i> | <i>rica</i> | <i>esplendores</i> |
| <i>formosa</i> | <i>opulências</i> | <i>refletem</i> |
| <i>flor</i> | <i>vaso de alabastro</i> | <i>raio de sol</i> |
| <i>deslumbramento</i> | | <i>prisma de diamante</i> |
| | | <i>brilhante meteoro</i> |
| | | <i>fulgor</i> |

Iracema

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara, o pé grácil e nu, mal roçando alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho; o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste. (*Iracema*)

A índia Iracema, personagem central do romance *Iracema*, de José de Alencar, por sua vez, está inserida na natureza. É uma mulher idealizada: linda, pura e meiga. Ao contrário do universo de Aurélia, fazem parte do contexto da

personagem-índia: *serra, horizonte, bosque, sertão, matas, verde pelúcia, terra, águas, claro da floresta, orvalho da noite, manhã de chuva, galho, agreste.*

Todos esses itens lexicais compõem um campo léxico-semântico criado por Alencar para a inserção da personagem nesse mundo natural. Por ser uma indígena, Iracema tem um nome que condiz com sua realidade, vive em uma *guerreira tribo da grande nação tabajara*. Ela se diverte com as *flechas de seu arco*, e seu canto é um *canto agreste*. Esses itens lexicais, associados aos indigenismos *graúna, jati, Ipu, oiticica, gará, mangaba* criam o universo pretendido pelo autor. A floresta, com sua fauna e flora, é o ambiente retratado. Os itens lexicais formam, então, esses dois campos léxico-semânticos:

- Fauna: *graúna, jati, ema selvagem, pássaros, gará, sabiá.*

- Flora: *palmeira, baunilha, oiticica, acácia silvestre, flores, mangaba.*

Iracema é ainda o símbolo da beleza, da pureza e do frescor. É a virgem dos lábios de mel. Campos léxico-semânticos são responsáveis justamente por essas características da índia romântica:

- Beleza: *cabelos negros e longos, pé grácil; rápida, morena.*

- Doçura: substantivos adjetivados (*lábios de mel, sorriso doce, hálito perfumado*), verbos (*ameigar, repousar, concertar*), adjetivo (*doce*)

- Pureza/Frescor: *virgem, pé nu, sombra fresca, úmidos cabelos, banho, aljôfar d'água, banhar.*

| | | |
|---|-------------------------|-----------------------|
| IRACEMA: personagem inserida na natureza | | |
| <i>serra, horizonte, bosque, sertão, matas, verde pelúcia, terra, águas, claro da floresta, orvalho da noite, manhã de chuva, galho agreste</i> | | |
| FAUNA | | |
| <i>graúna, jati, ema selvagem, pássaros, gará, sabiá</i> | | |
| FLORA | | |
| <i>palmeira, baunilha, oiticica, acácia silvestre, flores, mangaba</i> | | |
| IRACEMA: personagem indígena | | |
| <i>guerreira tribo, grande nação tabajara, flechas de seu arco</i> | | |
| INDIGENISMOS | | |
| <i>graúna, jati, Ipu, oiticica, gará, mangaba</i> | | |
| IRACEMA E SUAS CARACTERÍSTICAS | | |
| BELEZA | DOÇURA | FRESCOR/PUREZA |
| <i>cabelos negros e longos</i> | <i>lábios de mel</i> | <i>virgem</i> |
| <i>pé grácil</i> | <i>sorriso doce</i> | <i>pé nu</i> |
| <i>rápida</i> | <i>hálito perfumado</i> | <i>sombra fresca</i> |
| <i>morena</i> | <i>ameigar</i> | <i>úmidos cabelos</i> |
| | <i>repousar</i> | <i>banho</i> |
| | <i>concertar</i> | <i>aljôfar d'água</i> |
| | <i>doce</i> | <i>banhar</i> |
| | | <i>chuva</i> |

Zulmira

Zulmira tinha então doze para treze anos e era o tipo acabado da fluminense; pálida, magrinha, com pequeninas manchas roxas nas mucosas do nariz, das pálpebras e dos lábios, faces levemente pintalgadas de sardas. Respirava o tom úmido das flores noturnas, uma brancura fria de magnólia; cabelos castanho-claros, mãos quase transparentes, unhas moles e curtas, como as da mãe, dentes pouco mais claros do que a cútis do rosto, pés pequeninos, quadril estreito mas os olhos grandes, negros, vivos e maliciosos. (*O cortiço*)

A adolescente Zulmira, filha de Miranda é desprezada pelos pais e alvo das atenções de João Romão com quem acaba se casando. A seleção lexical destaca os aspectos frágeis da menina que tinha doze para treze anos: *pálida, magrinha,*

pés pequeninos, quadril estreito, mãos quase transparentes, unhas moles e curtas, brancura fria. A ausência de beleza pode ser notada: *pequeninas manchas roxas, faces levemente pintalgadas de sardas.* É fato, entretanto, um destaque aos olhos da personagem por meio dos adjetivos: *grandes, negros, vivos e maliciosos.*

Percebe-se com os campos léxico-semânticos um jogo entre o branco e o negro, e entre o pequeno e o grande:

- Branco: *pálida, brancura de magnólia; cabelos castanho-claros, mãos quase transparentes, dentes pouco mais claros do que a cútis do rosto.*

- Negro: *olhos negros.*

- Pequeno: *magrinha, com pequeninas manchas, unhas curtas, pés pequeninos, quadril estreito.*

- Grande: *olhos grandes*

| ZULMIRA: adolescente desprezada pelos pais | | | |
|---|----------------------------|---|-----------------------------|
| FRAGILIDADE | | FALTA DE BELEZA | |
| <p><i>pálida</i> <i>magrinha</i> <i>pés pequeninos</i> <i>quadril estreito</i> <i>mãos quase transparentes</i> <i>unhas moles e curtas</i> <i>brancura fria</i></p> | | <p><i>manchas roxas</i> <i>sardas</i></p> | |
| OLHOS | | | |
| <p><i>Grandes</i> <i>negros</i> <i>vivos</i> <i>maliciosos</i></p> | | | |
| BRANCO x NEGRO | | PEQUENO x GRANDE | |
| <p><i>pálida</i> <i>brancura</i> <i>cabelos castanho-claros</i> <i>mãos quase transparentes</i> <i>dentes pouco mais claros do que a cútis do rosto</i></p> | <p><i>olhos negros</i></p> | <p><i>magrinha</i> <i>pequeninas</i> <i>manchas</i> <i>unhas curtas</i> <i>pés pequeninos</i> <i>quadril estreito</i></p> | <p><i>olhos grandes</i></p> |

D. Maria da Glória

Ora, pois, naquele ano da graça de 1857, D. Maria da Glória Fernandes Santiago contava quarenta e dois anos de idade. Era ainda bonita e moça, mas teimava em esconder os saldos da juventude, por mais que a natureza quisesse preservá-la da ação do tempo. Vivia metida em um eterno vestido escuro, sem adornos, com um xale preto, dobrado em triângulo e abrochado ao peito por um camafeu. Os cabelos, em bandós, eram apanhados sobre a nuca por um velho pente de tartaruga; alguma vez trazia a touca branca de folhos. Lidava assim, com os seus sapatos de cordovão rasos e surdos, a um lado e outro, vendo e guiando os serviços todos da casa inteira, desde manhã até à noite. (*Dom Casmurro*)

D. Maria da Glória Fernandes Santiago é a viúva típica do fim do século XIX. O marido morre, e a mulher, que vive para casa e para o filho Bentinho, esconde os saldos da juventude e tenta apagar a beleza que ainda lhe resta. Machado de Assis a insere na sociedade da época que vê na viúva o símbolo do recato e do pudor. A personagem tem 42 anos de idade, ou seja, ainda é moça e bonita, mas as roupas que usa fazem com que pareça, para os padrões atuais, bem mais velha. Os adjetivos *escuro* e *preto* que se referem a seu vestido e xale reforçam o estado de viuvez da personagem. Os sapatos, rasos e surdos, não têm beleza, nem charme, assim como os cabelos presos por um pente velho ou por uma touca. A personagem veste-se sem adornos. O camafeu e o pente de tartaruga parecem ter uma função absolutamente necessária: prender respectivamente o xale e os cabelos. Percebe-se que um campo léxico-semântico leva em consideração a beleza e a mocidade da personagem (*moça e bonita*), mas o outro nega essas características, proibidas a uma mulher viúva (*vestido escuro, sem adornos, xale preto, cabelos em bandós, touca branca de folhos, sapatos rasos e surdos*).

| D. MARIA DA GLÓRIA: viúva | |
|----------------------------|---|
| BELEZA E JUVENTUDE | VIUVEZ |
| <i>moça</i> | <i>eterno vestido escuro</i> |
| <i>bonita</i> | <i>sem adornos</i> |
| <i>saldos da juventude</i> | <i>xale preto</i> |
| <i>preservar</i> | <i>cabelos, em bandós</i> |
| | <i>velho pente de tartaruga</i> |
| | <i>touca branca de folhos</i> |
| | <i>sapatos de cordovão rasos e surdos</i> |

Considerações finais

Os quatro romances foram publicados no século XIX e os fragmentos analisados revelam características das personagens femininas. As quatro mulheres, cada uma inserida em seu contexto, revelam, principalmente por meio do léxico que as caracteriza, os valores ideológicos da sociedade da qual fazem parte.

Para entrar na corte fluminense, Aurélia Camargo precisa ser rica e bonita. Enquanto era pobre, não brilhava. Iracema faz parte da natureza. Representa a índia brasileira, com sua beleza, pureza e frescor. Zulmira vive no cortiço, embora tenha uma condição social um pouquinho melhor. Essa ambiguidade é mostrada pelas relações antitéticas que caracterizam a personagem: feia e bonita, frágil e maliciosa. D. Glória é a mulher recatada que esconde sua beleza e juventude, uma vez que essas qualidades não são permitidas a uma viúva da classe média carioca.

É por meio do léxico que se verificam essas características e que se revelam essas identidades criadas para a composição das narrativas. Ao se trabalhar com os campos léxico-semânticos, além de verificar de que forma, por meio das escolhas lexicais, são construídas as personagens, percebe-se como elas representam a mulher de diferentes origens e classes sociais no contexto da época. O objetivo foi mostrar que o texto literário deve ser analisado também do ponto de vista linguístico, neste caso, do ponto de vista dos estudos do léxico.

Embora o conjunto lexical de uma língua seja “patrimônio da comunidade linguística” (BIDERMAN, 1978), são os usuários que criam, conservam e modificam o vocabulário. A escolha lexical usada na elaboração de um texto diz muito sobre as intenções comunicativas de quem o produziu e de seu papel na sociedade. As palavras selecionadas podem revelar valores ideológicos, retratar o conjunto da experiência humana acumulada, assim como práticas sociais e culturais, já que é no léxico que se veem representadas, de forma mais objetiva, as visões de mundo dos sujeitos participantes da prática discursiva.

Para Brait (1994/1995, p 26), a análise dos elementos persuasivos do discurso deve levar em conta “os traços que permitem reconhecer uma certa intenção do enunciador, os efeitos de sentido visados pelo texto, pelo discurso produzido por esse enunciador e pelo locutor ou locutores por ele instituídos, e a manipulação que o enunciador pretende exercer sobre aquele a que o discurso se destina”. O papel da mulher na sociedade em diferentes momentos temporais é representado no discurso literário por personagens que são caracterizadas por meio de escolhas lexicais. Tentou-se mostrar, então, que por meio dessas escolhas é possível perceber não só a visão de mundo do enunciador como também outros elementos da situação da enunciação tais como tempo, lugar, etc.

Referências

- ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: Ática, 2000.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática,
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Ática,
- BAKHTIN, Michail. *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard, 1984.
- BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. Paris: Klincksieck, 1951.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.
- BRAIT, Beth. *A construção do sentido: um exemplo fotográfico persuasivo*. In: *Língua e Literatura*. São Paulo: FFLCH-USP, 1994/1995, nº 21.
- CRESSOT, Michel. *O estilo e as suas técnicas*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- LAPA, Manoel Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.
- LEHMANN, A. e MARTIN-BERTHET, F. *Introduction à la lexicologie*. Paris: Nathan, 1998.
- LOPES, Ana Cristina e RIO-TORTO, Graça. *Semântica*. Lisboa: Caminho, 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARTINS, Nilce Sant'anna. *Introdução à Estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: T.A. Queirós/EDUSP, 1997.
- SILVA, Augusto S. *O mundo dos sentidos em português. Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.
- ULLMANN, Stephen. *Semântica. Uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.
- VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

Recebido 14/04/2013

Aprovado 22/05/2013